

Reflexões sobre a aplicação do método de Estudo-Ação na Colômbia

Reflexiones sobre la aplicación del método de Estudio-Acción en Colombia

Orlando Fals Borda

Pesquisador e sociólogo colombiano.

Versão original: Orlando Fals Borda, 1973. “Reflexiones sobre a aplicación del método de Estudio-Acción en Colombia”. In Revista Mexicana de Sociología, Vol. 35, No. 1 (Jan. – Mar., 1973), pp. 49-62. (Universidad Nacional Autónoma de México), publicado sob licença *creative commons*.

Tradução:

Bruna Mariz Bataglia Ferreira

Mestranda em Teoria e Filosofia do Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Ígor Ferreira

Graduando em Direito pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

A vinculação entre a teoria sociológica e a prática social e política vem recebendo maior atenção tanto dos cientistas quanto dos políticos. Este antigo problema, tão estudado pelos clássicos das disciplinas sociais, retorna hoje ao centro das discussões por razões óbvias.

Na Colômbia, vários grupos vêm suscitando o tema e, em alguns casos, se tem colocado à prova princípios gerais. Entre estes grupos está a Rosca¹ de Investigación y Acción Social, uma fundação sem fins lucrativos criada em 29 de dezembro de 1970 de acordo com as leis colombianas.

A Rosca é uma iniciativa de sociólogos, antropólogos, economistas e historiados colombianos que desejam buscar saídas novas e mais eficazes para as ciências sociais; que desejam ter a rara oportunidade de colocar em prática as ideias que são expostas nas aulas e nos livros, além de se envolver na realidade dos processos sociais básicos. Oficialmente, de acordo com seu estatuto, a Rosca pretende “realizar trabalhos e buscar novos métodos de investigação e ação social, destinados a aumentar a eficácia da luta por justiça e autonomia na Colômbia; estimular a adoção de uma perspectiva própria para o estudo da realidade nacional e para a atividade social, política e econômica; e promover a dinamização da cultura popular necessária para esse esforço simultâneo de construção científica e mudança social”.

Seguindo as instruções dadas para este Simpósio², o presente discurso trata somente dos antecedentes conceituais que levaram à constituição da

¹ [NT.] A palavra “rosca” é uma expressão da Colômbia que tem diversos sentidos nos países latino-americanos, daí porque é necessário explicar o sentido que aqui se quer dar. Originalmente, “rosca” se derivou de “rosquilla”, termo usado na Idade Média, segundo Cejador e Frauca, para indicar um tipo de plano em forma circular. É um termo que não vem do latim nem do grego, mas do catalão. Foi incorporado tardiamente ao Dicionário da Academia da Língua Espanhola provavelmente durante o século XIX.

Na Colômbia ele aparece no sentido de “se enroscar” circularmente, como indicou Rufino José Cuervo em suas *Apuntaciones*, porém sem indicar nada derogatório como agora se estila (camarilla, trínca, trenza, etc.). O mais próximo ao seu sentido original, na fala popular, se encontra na palavra “corrosca” (um sombreiro de palha) que registra o mesmo Cuervo como puro bogotano. Se quer agora resgatar o sentido original desta palavra, retornando a sua clássica acepção como *círculo*, em nosso caso, um círculo de pessoas colocadas em pé de igualdade que se identificam com um mesmo ideal de serviço e trabalho com o povo.

² O discurso foi proferido durante o Simposio sobre Política de Enseñanza e Investigación en Ciencias Sociales realizado no ano de 1972. O texto original do autor pode ser encontrado em FALS BORDA, O. Reflexiones sobre la aplicación del método de estudio-acción en Colombia. In: SIMPOSIO SOBRE POLÍTICA DE ENSEÑANZA E INVESTIGACIÓN EN CIENCIAS SOCIALES. doc. n. 8.

Rosca, os principais métodos de investigação e ação que se tem aplicado até hoje, e as implicações científicas e teóricas que esta tarefa acarreta. Resta dizer que a crítica a este trabalho – como a autocrítica – é necessária, e que a Rosca a espera com espírito positivo e com gratidão.

Antecedentes conceituais: em busca de um método

Um dos feitos iniciais da constituição da Rosca foi sua origem intelectual pequeno-burguesa, com a característica de haver adquirido, no entanto, uma maior consciência da necessidade de transformar basicamente a sociedade atentando-se à conjuntura política existente. Para isso, foi necessário que deixássemos a mente aberta ao que devíamos aprender a partir das novas experiências em que embarcaríamos, e que tivéssemos pautas modestas, porém efetivas, nos afazeres científicos.

Esta atitude básica de busca e descobrimento ao mesmo tempo era o que na época, e até desde antes, se denominava “compromisso”. Este conceito – bastante debatido em incontáveis círculos literários e científicos –³ nos serviu como aríete para romper os moldes científicos e intelectuais em que nos sentíamos constrangidos. O compromisso, também nessa época, levava a suscitarmos novamente o problema do método investigativo e a orientação do conhecimento científico. Estes já não seriam objeto de simples curiosidade erudita, nem seriam mais trombetas apocalípticas para despertar as classes dirigentes e induzi-las a serem mais responsáveis perante à crise que elas mesmas provocavam, mas, se colocariam ao serviço de uma causa política popular concebida em colaboração com as massas, como um esforço de contenção à dominação imperialista e à exploração oligárquica tradicional a quem podia imputar-se boa parte desta crise.

p. 19-24. Pontifica Universidad Católica del Perú. Lima, 1972. *Apud* em http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-69712009000100007

³ Ver um relato sobre os debates em O. Fals Borda, *Ciencia própria y colonialismo intelectual*, México: Nuestro Tiempo, 2ª. ed., 1971. A polêmica se estendeu da sociologia a quase todas as ciências sociais, especialmente à antropologia e à ciência política. Se desenvolve hoje em muitos países ocidentais, e com particular intensidade nos Estados Unidos, Alemanha e França.

Neste momento de reorientação intelectual e política, as técnicas de investigação mais próximas conhecidas ao que queríamos realizar eram as que, na antropologia e na sociologia, se conhecem como “observação por participação” e “observação por experimentação” (participação-intervenção). Implicam, certamente, o envolvimento pessoal do investigador nas situações reais, e a interferência deste nos processos sociais locais. Entretanto, logo se viu que estas técnicas eram insuficientes ante as exigências de vincular o pensamento à ação fundamentalmente necessária.

Logo, em 1969, apareceu o conceito de “inserção” que fez avançar o nível de envolvimento do cientista social (e natural) dentro do novo compromisso revolucionário que se vislumbrava.⁴

Serviu, então, como um desafio para implementar o compromisso e impulsionar os intelectuais à linha de ação, já com um marco metodológico um pouco mais claro. Constituiu-se assim o que às vezes se define como um *breakthrough*, o impulso definidor que abre novas perspectivas.

No caso da Rosca, seguramente, a inserção serviu para alguns decidirem-se por suas conformações e para ajudar na busca da especificidade de sua tarefa. Como a modalidade de trabalho teórico-prática não era nenhuma novidade, já que se vinha recomendando e aplicando por diversos marxistas, notavelmente por Lenin, Mao e Giap – em seus próprios termos – ao referir-se ao “observador-militante”⁵. O observador-militante traduz o compromisso à realidade, e aplica a observação por inserção (adiante somente “inserção”), ainda que sua concepção seja básica neste contexto.

Inicialmente, a inserção se concebeu como um passo que implicava não apenas em combinar as duas técnicas clássicas de observação já mencionadas, “senão em ir mais além para ganhar uma visão interior completa das situações e processos estudados, e com foco na ação presente e futura. Isso implica que o cientista *se envolva como agente dentro do processo que estuda*, pois tomou

⁴ *Ibid.*, p. 53-60.

⁵ Em Mao esta técnica – que contribui à teoria do conhecimento – se expressa em seu princípio “das massas às massas”; ver suas *Obras escogidas*, Pekín: Ediciones em Lengua Extranjeras, 1968, i. III, p. 119. Em Lenin podem consultar diversas obras, especialmente *Qué hacer?* Outro autor notável, antigo professor de história, é Nguyen Giap, de quem podem ler suas investigações campesinas em Viet Nam e outros ensaios.

uma posição em favor de determinadas alternativas, apreendendo, assim, não apenas a observação que faz, mas o trabalho mesmo que executa com as pessoas com quem se identifica.”⁶

Em outras palavras, a inserção se concebe como uma técnica de observação e análise de processos e fatores que inclui, dentro de seu projeto, a militância dirigida à alcançar determinadas metas sociais, políticas e econômicas. É aplicada por observadores-militantes com objetivo de levar a cabo, com maior eficácia e entendimento, mudanças necessárias na sociedade. Ao mesmo tempo, a inserção incorpora os grupos de base como “sujeitos” ativos – não como “objetos” exploráveis – da investigação, que contribuem com informação e interpretação em pé de igualdade com os investigadores de fora. Assim, o compromisso vem a ser total e franco entre estes grupos.

Como se pode observar, esta concepção da inserção traz consigo duas determinantes: 1) a de constituir uma experiência essencialmente intelectual – de análise, síntese e sistematização – realizada por pessoas envolvidas nos processos como quadros comprometidos com vários níveis de preparação e estudo (observadores-militantes); e 2) a de ater-se a diversos modos de aplicação local segundo alternativas historicamente determinadas. Em essência, estas técnicas vêm a constituir um método especial, o *método* de estudo-ação, cujo objetivo é aumentar a eficácia da transformação política e proporcionar fundamentos para enriquecer as ciências sociais que contribuem para o processo.

Houve certa convergência na aplicação destes princípios em vários países (segundo informação parcialmente levantada), contudo, ainda há muito caminho a ser trilhado para se alcançar a sistematização do conceito de inserção e o aperfeiçoamento do método de estudo-ação. Não obstante, todos os que têm aplicado estes princípios concordam com a importância teórico-prática dos mesmos. Nos casos colombianos, a aplicação do método de estudo-ação, com as técnicas de inserção, permite distinguir duas dimensões, como se explicará a seguir.

⁶ Fals, Borda, *op. cit.*, p. 58.

A primeira dimensão do método

Como foi dito, foram os profissionais (especialmente os cientistas sociais, ainda que se tenha observado casos entre os das ciências exatas e naturais) que suscitaram primeiro a necessidade da inserção ao processo histórico em vários níveis, especialmente o local ou comunal, como forma de romper com os moldes de explicação e ação inadequados. Este foi um dos pontos de partida da Rosca. Com efeito, alguns de nós abandonamos os recintos universitários ou colocamos em quarentena os marcos de referência da ciência ortodoxa e parcelada transmitida pela universidade tradicional (a inspirada por Scheler e trazida a nós, a especializada e departamentalizada em interesses criados acadêmicos). Saímos ao campo, então, a constatar teorias com feitos, a descartá-las se fosse o caso, a ensaiar a interdisciplina, a reformular conceitos e a trabalhar com as bases.

Nosso objetivo tem sido colocar nosso pensamento ou nossa arte a serviço de uma causa. Esta causa é, por definição, uma transformação fundamental, que é a que exige de toda pessoa a ação válida e o consequente compromisso. Este compromisso nos leva, como profissionais: 1) a produzir ciência e cultura como natural emanção da nossa consciência social, com uma moral nova, sem pensar em contraprestações e vantagens egoístas⁷; 2) a eleger temas e enfoques adequados a nossa consciência dos problemas e a lhes conceder prioridade; 3) a determinar “grupos chave” com os quais nos comprometemos e dos quais aprendemos; e 4) a agir em conformidade.

A determinação de grupos chaves – aqueles de base como se explicará em seguida – nos levou igualmente a mudar nosso “norte” intelectual para deslocar os grupos de referência profissional que havíamos aceitado nos meios universitários do país, e dos centros acadêmicos euro-norte-americanos. Já não se cita a eles – sejam de direita ou de esquerda – como autoridades finais ou irrecorríveis. Agora, os grupos chaves de base são nossos grupos de referência, o que tem implicado em: a) que os trabalhos se concebiam diretamente com

⁷ Ernesto Che Guevara, *El socialismo y el hombre en Cuba*, La Habana, 1965.

eles e seus órgãos de ação; b) que a produção intelectual e técnica seja primeiramente para eles e em seus próprios termos, é dizer, escrita com os grupos de base (no caso do científico, este se deixa “expropriar” seus conhecimentos técnicos e ferramentas pelos grupos de base para dinamizar o processo histórico); c) que se estabeleça um novo “idioma” muito mais claro e honesto que o acostumado na ciência sofisticada da sala de aula; e d) que os conceitos e hipóteses emergentes encontrem sua confirmação ou rejeição, não nos esquemas teóricos de “grandes pensadores” da ciência “universal” (que neste sentido não pode existir, porque os que assim se consideram não são senão parte do aparato de dominação imposto por países avançados sobre nós), mas em contato com a realidade e na confrontação os grupos de base, ao reverter a estes grupos o conhecimento que eles mesmos proveram.

Os grupos chave mais estratégicos para a transformação revolucionária na Colômbia (como os de vanguarda) se encontram entre as classes exploradas urbanas e rurais, é dizer, nos setores conformados por aqueles que trabalham no processo de produção. Os quais concretamente depende das circunstâncias regionais e históricas, o que implica uma busca flexível e intensa. Temos observado como a tarefa tem chegado mais longe e tem sido mais útil quando realizada com setores populares. Assim, se está estudando e trabalhando entre grupos camponeses organizados, entre operários, entre indígenas e negros com elementos marginalizados de favelas, e com outros grupos do proletariado e ainda o sub-proletariado, na cidade e no campo.

Isto não quer dizer que temos entrado como intelectuais nas classes trabalhadores para desempenhar as tarefas específicas destas, porém, que temos tratado de adotar a ideologia da classe proletária dentro do conjunto de relações sociais, rompendo nossa identificação com as classes opressoras de diferentes maneiras ou em distintas modalidades.

Em consequência, agora as decisões sobre investigação e ação não podem ser tomadas unilateralmente por nós, nem de cima para baixo, nem a partir de nossos escritórios, senão conjuntamente com os grupos chave atuais ou em potência que são nossos novos grupos de referência. Esta participação das organizações de base suscita à Rosca – e aos intelectuais em geral –

problemas teóricos e práticos que levam a uma concepção diferente da ciência e da investigação, como se discutirá adiante.

Técnicas de inserção por profissionais

Como já mencionado, temos nos aproximado das classes trabalhadoras ou exploradas com o ânimo de apreender a realidade em sua própria função e em razão de necessidades e urgências históricas. Este é o compromisso consequente que leva à ação válida e ao estudo pertinente e necessário. Não obstante, a inserção tem sido aplicada de diversas maneiras pela Rosca e por outros grupos distintos, motivados por ideologias políticas às vezes divergentes, e por alternativas especiais. Examinemo-las.

1. Quando não se tem o respectivo compromisso com as urgências revolucionárias e se aplicam técnicas semelhantes às descritas, resulta uma inserção desfocada que leva: 1) à deformação profissional pela maneira como se emprega, remunera e manipula os investigadores ou quadros dentro dos programas de trabalho; e 2) ao conservadorismo, reformismo ou desenvolvimentismo, pela busca consciente ou inconsciente de fórmulas de continuidade do *statu quo* ou de preventivos para a contra insurgência. O conhecimento assim adquirido não leva senão à evolução ordenada, ao paliativo adequado, à modificação parcial ou ao remendo temporal, práticas que, como já se sabe, não corrigem as injustiças reinantes, nem põem em dúvida suas causas, nem enriquecem a ciência social comprometida com mudanças fundamentais.

Esta técnica, que na Colômbia foi aplicada em regiões rurais (por extensionistas clássicos e indigenistas), em bairros bogotanos (por comunidades religiosas e alguns grupos revolucionários desorientados) e outros lugares, é parecida à que os antropólogos clássicos chamaram *intervenção* (participação-intervenção) e, de fato, pode ser o mais próximo da inserção que a antropologia tradicional chegaria. A técnica da intervenção pode ser, assim, consequência do desfoque no compromisso científico

conjuntural dos intelectuais que a praticam, criando, por sua vez, confusões a nível popular.

2. Outra técnica de inserção é a chamada *ativação* cuja aplicação, até o momento, tem tido efeitos duvidosos na articulação real das massas no processo revolucionário, ainda que esta haja sido a intenção. A ativação se baseia na hipótese de que quanto mais estratégica seja a mudança proposta em uma sociedade, maior será o conflito gerado.

Daí que o ativista deverá investigar contradições específicas em uma comunidade e se inserir nela esperando gerar conflitos. Procede, então, por etapas, desde um nível inferior até outro teoricamente superior, adotando um papel de mecânico das forças sociais que crê estar entendendo.

Até agora o ocorrido indica (como em casos promovidos por uma organização política na Colômbia) que o ativista logra fomentar, em verdade, alguns dos conflitos teoricamente postulados; porém não consegue projetá-los na estrutura de classes existente devido às limitações do marco de referência empregado (as vezes muito confuso), nem logra que as pessoas alcancem o nível adequado de consciência política para assegurar a continuidade autônoma do processo que se iniciou. Muitas vezes o quadro é expulso da comunidade sem que esta tivesse se organizado realmente para a luta, deixando uma imagem e uma informação defeituosa sobre o que é esse processo. Por isso, este tipo de inserção, nas circunstâncias descritas, não tem sido aconselhável.

3. Quando se estuda e trabalha em regiões e comunidades com ânimo de determinar pontos reais de partida para as reivindicações que podem levar a sucessivos esforços na luta pela justiça, até chegar ao conflito de classes (lutas civis, salariais, pela terra, obras públicas, escolas, postos de saúde, etc.) se realiza um *incentivo ou agitação tática*. Neste caso, se determinam pela investigação incentivos parciais que utilizam diversos elementos da localidade, tanto humanos como materiais, e históricos. Os incentivos provêm do tipo de problemas que as comunidades experimentam, sejam eles institucionais ou grupais. A Rosca tem realizado este tipo de inserção com observadores-

militantes. Em outras entidades estes se identificam como “investigadores agitadores” cuja função é essencialmente a mesma.

Uma modalidade desta técnica é a que pode se denominar *recuperação crítica*. Faz-se a recuperação crítica quando, a partir de uma informação histórica e de um reconhecimento de corte seccional adequados, os observadores-militantes chegam às comunidades para estudar e aprender criticamente a base cultural tradicional, prestando atenção preferencialmente naqueles elementos ou instituições que foram úteis para enfrentar, no passado, os inimigos das classes exploradas. Uma vez determinados estes elementos, se procede a reativa-los para utiliza-los de maneira similar nas lutas de classe atuais. Assim se recuperam para o esforço revolucionário, e se põem em sintonia com organismos de luta mais abertos e decididos aos que haveria que apoiar em um momento dado dentro da estratégia geral antimperialista e antioligárquica.

Exemplos de práticas tradicionais ou instituições recuperáveis desta classe – na experiência da Rosca – são: o resguardo de indígenas, o “cabildo, o “cambio de brazos”, a “guachinga”, a “tiradera” e a “mina” (expressões culturais e econômicas do campo colombiano). Nesta técnica, o papel dos quadros de base tem sido fundamental pela forma como eles têm respondido e aportado conhecimento dentro do processo de estudo-ação.

As comunidades incentivadas nesta forma de recuperação crítica têm logrado dar um considerável salto à frente no nível de consciência política. Isto não constitui um retorno simplista ao primitivo ou bucólico, nem absolve à tradição como lastro cultural. É simplesmente uma utilização dinâmica e realista dos recursos que oferece a memória coletiva, que obriga, ademais, aos observadores-militantes (ou investigadores agitadores, segundo o caso) a começar seu trabalho no nível real de consciência política das pessoas e ao nível que aqueles têm (esta atitude dogmática de superioridade dos quadros, pela regra geral, tem conduzido a lamentáveis fracassos em campo).

Com as técnicas de incentivo, a Rosca tem ido às comunidades para aprender suas realidades, contribuindo com diversos projetos de colaboração local. Nesses projetos se tem observado como é descoberta a ampla gama de

recursos com que contam os grupos de base – expressados, por exemplo, em sua história, no seu folclore, em sua liderança, em sua “malícia” e experiência – o que os leva a unirem-se ao redor de interesses, acelerando situações críticas necessárias que levam a uma maior consciência de classe. Mas também temos aprendido no processo a respeitar o conhecimento e a opinião das pessoas comuns.

Estas técnicas de estudo-ação, evidentemente, vão além das formas clássicas de observação por participação, o *survey*, a camuflagem, a entrevista diplomática ou equilibrada, e a empatia sem compromisso ulterior que são baseadas em uma ideologia consensual. Descartam o trabalho de campo como de interesse para o administrador, para o manipulador externo de ação coletiva ou para o cientista simplesmente curioso ou erudito, para apresentá-lo como um trabalho investigativo necessário para o organizador ou agitador tático e para o “peixe na água”.⁸

Em resumo, constata-se que, dessa forma, se consegue passar de uma “metodologia do consenso” para uma “metodologia da contradição”, de acordo com os postulados da teoria do conflito que trata de explicar a problemática colombiana atual (ver infra). Por isso, os observadores-militantes começam com um compromisso sério e respeitoso com os povos que estudam e com o processo social em que estão imersos; dirigem sua atenção para as contradições do sistema para compreendê-las e manejá-las em estreita cooperação com os grupos chaves de base; tentam remexer o sistema e agitar taticamente para determinar suas áreas reais de tensão, provocar as instituições, destruir mitos e participar, juntamente com os grupos de base, nos choques inevitáveis; e devolvem a esses grupos, com maior clareza, e sistematizadas, ideias que receberam deles com confusão.

Segunda dimensão do método

⁸ CFR. Rodolfo Stavenhagen, “Decolonizing Applied Social Science”, *Human Organization* (Winter, 1971).

As técnicas de incentivo e recuperação crítica, como as praticadas pela Rosca, adicionam uma dimensão importante para a metodologia do estudo-ação. Até agora se tem visto a inserção como uma expressão concreta do compromisso de profissionais ou intelectuais que querem – e talvez tenham conseguido – se envolver em tarefas fundamentais de base em um determinado contexto ou em uma região. Nesses momentos, confrontamos uma das consequências imediatas dessa inserção, qual seja, a do descobrimento e formação de quadros locais que se incorporaram ao processo de estudo-ação, enriquecendo-o e causando-lhe viradas realistas e eficazes.

Seria um absurdo negar as possibilidades de pessoas de variadas origem e preparação intelectual para contribuírem com o processo revolucionário mediante a reflexão, a análise, a síntese e a sistematização de ideias. Com efeito, nos grupos chaves de base existem pessoas que, se já não trouxeram essa visão das coisas, estão dispostas a fazê-lo ao menor estímulo. Se tem estabelecido, assim, um tipo de relação entre os chamados “profissionais” ou “intelectuais” – que adotam nesse momento o papel de observadores-militantes no contexto político-científico – e os quadros de base que ingressam ao processo de estudo-ação.

Essa relação implica obrigações para ambos. Os primeiros – os “profissionais” – valoram, utilizam e cuidam bem dos quadros. Eles, segundo o nível de preparação, contribuem com sua experiência para a compreensão dos fenômenos ao se tornarem bons observadores e críticos de sua própria ação; apuram a técnica revolucionária; e, além disso, colaboram para que a inserção seja todavia mais eficaz nos fins que almeja.

Se tudo segue como esperado, o resultado desse esforço é uma feliz síntese da teoria e prática, na qual a inserção já não se veria dicotomizada como agora, como exercida por elementos externos aos grupos de base, mas, sim, feita dentro de um mesmo processo histórico que abrigaria todos igualmente, sem distinção entre intelectuais e trabalhadores. Quer dizer, a inserção, como foi visto antes, nessa dimensão, desapareceria como tal, e só permaneceriam trabalhando, lado a lado, quadros político-científicos de diferentes níveis.

É a partir desse momento que se deve considerar, outra vez, o problema da ciência e da teoria. Porque as etapas de estudo-ação que seguem podem ser ainda mais complexas e difíceis tanto ao nível da prática como no da compreensão. Vejamos agora estes aspectos.

Implicações científicas e teóricas

O método de estudo-ação tem o mérito de conceber e buscar o equilíbrio entre a reflexão constante e a prática diária. Por isso, os quadros se definem como observadores-militantes, isto é, como pessoas treinadas tanto em técnicas de observação científica como de militância social e política. O trabalho seria insuficiente se essas pessoas se limitassem a um empirismo excessivo ou a um aventureirismo fanático no qual prevaleceriam a tentativa e o erro; e, se no plano da reflexão, fizessem abstração dos conceitos centrais que guiam o trabalho no terreno e dos marcos teóricos prévios e emergentes.

No caso do empirismo cego há outro perigo: o de enganar a si mesmo pensando que se é absolutamente original. Neste campo não há tabula rasa, já que o quadro chega ao terreno com ideias básicas, motivações e certas técnicas prévias. Não reconhecer essa continuidade é um desperdício dos recursos que se têm na mão para fazer os processos históricos muito menos errantes do que já são. Por isso a inserção, nas suas diversas modalidades, não implica no esquecimento de técnicas de pesquisa que são comprovadamente úteis, como a enquete de corte seccional, a análise histórica, a pesquisa de arquivo, a medição estatística do mensurável, todas colocadas dentro de marcos conceituais amplos e ágeis.

Então, é preciso partir do fato de que não se tem trabalhado – nem se trabalha – em um vazio conceitual, mas que, pelo contrário, há caminhos técnicos e teóricos prévios que se têm utilizado consciente ou inconscientemente. Esse é um processo de estudo-ação que, percebe-se, também corre pela vertente da tradição. De fato, não se deve esquecer que a ideologia capitalista e a construção dos impérios modernos têm sido possíveis

em grande medida por um desenvolvimento científico e tecnológico adequado aos fins que têm perseguido.

Em contraste com essa corrente científica imperialista, o trabalho da Rosca busca colocar o conhecimento que adquire a serviço dos grupos explorados e oprimidos, dentro de um processo de transformação fundamental. Consequentemente, continua a tendência – já estimulada desde a década de 1960 por vários cientistas sociais colombianos – de relegar a segundo plano escolas sociológicas que, na prática, só têm servido para afirmar o poder das classes opressoras. Assim, continuamos descartando os modelos de explicação científica da sociedade que provêm da tradição positivista ou comtiana, por ela refletir os interesses de uma aristocracia (a pós-napoleônica na Europa) que se identificou com a emergência do capitalismo, e cujas tendências particulares persistem até hoje. Também, por inadequados, confirmamos nossa rejeição anterior aos marcos do estruturalismo funcional, que descreve a sociedade como produto de um “equilíbrio” baseado em um ordenamento interno e no princípio da integração social. Tampouco julgamos satisfatória a escola formalista, por achá-la limitada a medições exteriores e mecânicas dos fenômenos sociais ou a explicações limitadas da cultura manifesta.

Por outro lado, a Rosca encontrou maior inspiração e uma orientação mais clara para seu trabalho no exemplo e nas obras de diversos rebeldes nacionais que foram articulando explicações das situações críticas em que se viram envoltos e que buscaram enraizar-se no povo e nas realidades terrena. Na Colômbia se conhece pouco a esse respeito, devido à forma que se tem escrito e ensinado a história – que só reflete os interesses das classes dominantes inclinadas a adotar o estrangeiro. Porém, os materiais pertinentes existem, e um dos propósitos da Rosca tem sido descobri-los, recuperá-los e

divulgá-los.⁹ Além disso, permanece viva a memória de rebeldes recentes, como Camilo Torres Restrepo, e de teóricos como Rafael Uribe Uribe e Luis E. Nieto Arteta, cujas obras continuam sendo referências obrigatórias, além de terem servido como pioneiros do pensamento socialista na Colômbia.

Essa esquecida corrente intelectual que se nutre da confrontação popular com o *status quo*, que busca a raiz das contradições em cada época, que destaca os antagonismos e interesses das classes sociais em luta aberta e soterrada, converge para a escola sociológica do conflito social. Dentro dessa escola, evidentemente, são pertinentes as obras de Marx – sua principal figura – e dos seguidores dele, muito mais que as obras daqueles que seguiram a vertente semelhante de Bagehot e Gumplowicz.

Assim, a Rosca constrói sobre fundamentos intelectuais antigos, que desembocam naturalmente na conhecida ciência da revolução: o marxismo-leninismo.¹⁰

⁹ O projeto foi publicar as memórias do extraordinário lutador indígena do século XX, Quintín Lame, "*En defensa de mi raza*", ed. De Gonzalo Castillo, Bogotá, La Rosca Ediciones, 1971; e estão em processo as contribuições de Maria Cano e Ignacio Torres Giraldo, precursores do nacional-socialismo. Se impõe a busca da literatura sobre a luta popular desde o final do século XVIII: os membros da comunidade Galán à cabeça; os artesãos durante a revolução 1852; os camponeses latifundiários do sul de Antioquia; os líderes trabalhistas da Costa Atlântica a partir de 1917; a rica tradição guerrilheira do país, etc.

¹⁰ Os fundamentos da escola do conflito, como se sabe, partem de Heráclito e Políbio, vão ao mundo árabe com Ibn Khaldun, voltam ao ocidente com Hobbes, Hegel e Marx, e passam ultimamente ao oriente com Mao e Giap, entre outros. A leitura desses autores é útil para ilustrar marcos gerais do conflito de classes na Colômbia, não para explicá-lo. Entre outros autores considerado úteis se encontram: Simmel, Coser (por estudar funções positivas do conflito social), e Shaul (filósofo que postula a necessidade da subversão permanente).

Entre os autores colombianos mais pertinentes do século XX, se encontram: Manuel Ancizar e Eugenio Díaz, sobre o problema rural; Emiro Kastos, quem concebeu em 1851 a ameaça imperialista norte-americana; Miguel Samper por seu estudo da miséria urbana; Anibal Galindo, Medardo Rivas e Diego Mendoza Perez, em diversas passagens de seus escritos. Neste século: Alejandro Lopez I. C., Eugenio J. Gomez, Guillermo Hernandez Rodriguez, Indalecio Lievano Aguirre (estes dois últimos em suas primeiras fases). Entre outros marxistas colombianos cujas obras se estão utilizando, menciona-se: Mario Arrubla, Francisco Posada, Rafael Baquero, Diego Montafia Cuellar, Antonio Garcla e Estanislao Zuleta.

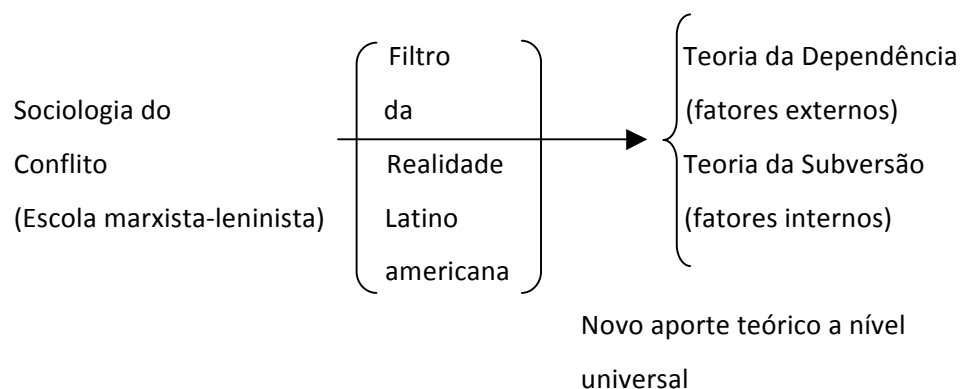
Além disso, pode mencionar-se os estudos publicados pela *Facultad de Sociología* da *Universidad Nacional* na década de 1960 sobre a violência, o conflito e outros problemas sociais colombianos (obras de Camilo Torres, Juan Friede, German Guzman e outros), que romperam o marco funcionalista então em voga (o qual se tem identificado, erroneamente, como "norte-americano"). Novas obras estão aparecendo dentro dessa escola crítica, como as históricas de Germian Colmenares (*Partidos políticos e clases sociales*, Bogotá, *Universidad de los Andes*, 1968), as sociológicas de Alvaro Camacho Guizado (*Capital extranjero; subdesarrollo colombiano*, Bogotá, Punta de Lanza, 1972), as econômicas de Alvaro Tirado Mejia (*Introducción a la historia económica de Colombia*, Bogotá, *Universidad Nacional*, 1971), e as antropológicas de Victor Daniel Bonilla (*Siervos de Dios y amos de indios*, Bogotá, Tercer Mundo, 1968).

A teoria do conflito social concretiza conceitos e hipóteses desenvolvidos por observadores da sociedade, dentro e fora do país. Isso, em si, não é de maneira alguma novidade, embora equivalha a uma tomada de posição ou a um esclarecimento teórico necessário. Porém, a Rosca não se harmoniza com essa teoria dogmaticamente, mas sim, trata de redefinir conceitos à luz da evidência que os quadros ou observadores-militantes recolhem. Portanto, não se faz aqui nenhuma cópia do marxismo-leninismo usado em outras latitudes e países, nem se incorre no colonialismo intelectual de esquerda que tem castrado a tantos grupos revolucionários e universitários, porque o método do estudo-ação surge das realidades colombianas e exige uma resposta autêntica a elas em termos de atos e evidência, e não somente de palavras ou debates meramente ideológicos.

Assim, esse método leva a repensar a sociologia marxista do conflito em termos de uma sociologia da situação real colombiana, o que vem a ser uma maneira própria de ver e entender em seu conjunto nossos atuais conflitos e a natureza da nossa sociedade dependente e explorada.

A contribuição específica dessa escola de pensamento social – a nível universal e na teoria do conhecimento – parece estar na reformulação da problemática do conflito segundo dois grandes polos conceituais que se completam: 1) a dependência, que inclui o estudo dos fatores de exploração econômica e social “externos” à área em sua expressão imperialista e neocolonial; e 2) a subversão, entendida positivamente como a análise dos fatores “internos” políticos e sociais que levam à organização rebelde anti-imperialista e antioligárquica.¹¹ Esquemmatizando:

¹¹ Vieram à mente as obras de Ernesto Che Guevara, Régis Debray, Hugo Blanco, Marighela e outros, em um sentido; e de Pablo Gonzalez Casanova, Anibal Quijano, Rodolfo Stavenhagen, Fernando Henrique Cardoso, Theotonio dos Santos, Andre Gunder Frank, Enzo Faletto, Francisco Weffort, Octavio Lanni, Florestan Fernandez e muitos outros, todos os quais na verdade têm feito impacto renovador nas teorias marxistas, a nível universal, com a especificidade latino-americana. As palavras “interno” e “externo” são obviamente relativas e complementares dentro desse esquema. Cfr. O. Fals Borda, *Subversión y desarrollo en América Latina*, (estudo reproduzido em diversas publicações, 1971); *Revoluciones inconclusas en América Latina*, México, Século XXI, 3a. edição, 1971.



Este quadro teórico geral possibilitou à Rosca fazer, em alguma medida, incursões inovadoras sobre indianismo, etnia, arte popular, região e nação, como elementos para melhor compreender e dinamizar a luta de classes em termos colombianos. São conceitos que têm uma tradição respeitável na literatura sociológica e política da qual partiram, mas eles são descobertos com novos reflexos para determinação e uso de grupos-chave de base.

Perspectiva final

Agora, apresenta-se um maior rigor na tarefa investigativa do observador-militante. Deverá desenvolver e utilizar técnicas de estudo e ação realmente interdisciplinares – com aquelas já conhecidas que sejam adequadas, e outras novas – que permitam compreender a complexa realidade em sua própria função, sem distorcê-la. Isto significa que os quadros deverão dominar os marcos metodológicos e conceituais da sociologia, história, antropologia, economia e geografia de maneira combinada e simultânea, tratando de romper os compartimentos estanques nos quais estas ciências se encontram (especialmente na universidade) para produzir uma ação mais eficaz e uma teoria mais ágil e realista.

Ademais, os marcos deverão saber direcionar a atenção para os fatos mais relevantes e significativos de cada região para fins de organização, educação e ação sobre ela; saberão combinar o estudo do "macro" com a análise do "micro"; e poderão antecipar um determinado nível de síntese e

sistematização de conceitos que depois se reverterem como informação aos grupos de base para a constatação final com a realidade. Este tipo de constatação pode ser suficiente para se acumular conhecimento desde o ponto de vista científico, sem necessidade de acudir a computadores ou referir-se a marcos "universais" de pensadores ilustres de outros lugares para o mesmo fim; e vai construir uma ciência própria e popular que parece convergir para dimensões igualmente universais.

Em resumo, a ciência pode continuar a existir mesmo com a modéstia e as contradições do subdesenvolvimento e pode ir enriquecendo ao passo das gerações que experimentam conflito e que vão em busca da justiça social e econômica. Simultaneamente, é uma ferramenta crítica para mudança social, especialmente quando alguns de seus marcos gerais se rompem e dão lugar a esquemas mais adequados de explicação. Os marcos descartáveis são aqueles que refletem valores sociais conservadores que servem a classes exploradoras sociedades e sociedades superdesenvolvidas.

Outros têm revelado como uma explicação teórica apropriada da realidade facilita a ação e, simultaneamente, como esse processo vem a ser uma contribuição para a ciência. É possível que as ciências sociais na Colômbia sejam mais claras e eficazes após esforços advindos de uma busca autônoma como se procura fazer com o método de estudo-ação. Sobreviverão e se acumularão aqueles conceitos e técnicas que passam pela prova de fogo da experiência revolucionária. Estes serão seguramente os mesmos que conduzirão futuras gerações de observadores-militantes nas etapas subsequentes de reconstrução nacional, quando as classes populares tiverem conquistado o poder.

Bogotá, em março de 1972.